

A pintura de Robert Bateman

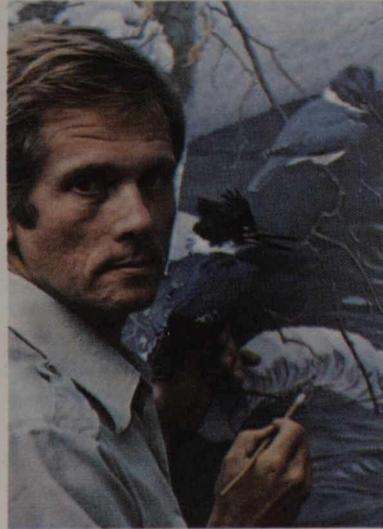
HÁ há alguns anos o nome de *Robert Bateman* circula entre os críticos de arte de todo o mundo, mas no Canadá sua fama era limitada a poucos apreciadores da arte de pintar e ao pequeno vilarejo de Burlington, onde o artista vive e trabalha. Finalmente em 1981 ele foi reconhecido oficialmente com a indicação do *Artista Americano do Ano*, cujo trabalho foi exposto em uma mostra no Museu Nacional de Ciência Natural de Ottawa, e uma biografia ilustrada com reproduções de sua obra foi feita por um dos maiores editores do país.

Virtuosismo, invencionismo, cultura científica se fundem nos quadros deste pintor capaz de explicar e reproduzir a atmosfera e imagens do mundo animal. Este retorno ao realismo — um gênero de arte que a moderna experiência artística relegou a puro exercício — e o imprevisto interesse que seus quadros começaram a suscitar não alteraram o modo de vida deste artista que desde a infância tem se dedicado à observação e estudo da natureza, esforçando-se por captá-la e por reproduzi-la sem distorções antropomórficas.

Nascido em Toronto no ano de 1930, Robert cresceu na periferia da cidade, não muito longe do campo onde podia continuamente fazer incursões ao mundo natural. Sua mania de levar para casa alguma lembrança de suas expedições — uma pena, uma folha, por exemplo —, e de ficar a estudá-la minuciosamente, fez com que sua mãe o inscrevesse no clube dos Naturalistas do Royal Ontario Museum, uma associação ligada à Universidade de Toronto onde se podia fazer pesquisas no campo, estudar anatomia e biologia e praticar seus conhecimentos de artes.

Já rapaz formou um grupo com outros companheiros interessados em ciências naturais e muitos de seus companheiros, hoje, têm posição de prestígio na conservação e estudo do meio ambiente. Embora seja Bateman o único que tenha se afirmado como pintor, todos sabiam pintar e desenhar e, além disso, eram bons fotógrafos.

Outra experiência importante para sua obra foi o período de 3 anos que, em suas férias, trabalhou no Parque de Algonquin. Neste período de experiência ao vivo, entrou em contato com a obra do Grupo dos Sete, uma escola de pintura que naquela terra selvagem tinha encontrado inspiração e expressão. Quando em seguida, teve que escolher sua carreira universitária, Robert optou por geografia porque, embora ele gostasse de desenhar, ele queria uma vida em campo aberto que lhe permitisse viajar pelo mundo. Mesmo assim não se furtou de sua inclinação artística e frequentou por cinco anos o curso de Carl Schaefer, aprendendo a segurança do traço, a essência e a rapidez.



A base da pintura de Bateman é caracterizada pelo movimento e pela fugacidade do instante. O sujeito não está mais no centro do quadro mas, volta e meia, semi-escondido com vida própria em perfeita harmonia com o ambiente que o circunda.

Uma vez laureado, Bateman entrou para o corpo docente da Ontario School of Education, onde está há 20 anos ensinando, inicialmente, geografia e arte e, agora, apenas arte. Seguindo sua natureza irrequieta e aventureira fez muitas viagens, indo da região ártica ao Rio Amazonas, subindo o Himalaia, percorrendo a Europa, Ásia e África. Onde andava, fazia anotações de suas impressões, recolhia material e documentava-os, tirava fotografias, visitava os museus locais de ciências naturais.

O mesmo espírito de explorador que o fazia dirigir um carro de um conti-

nente a outro fez com que sua arte percorresse um itinerário estilístico que, partindo do realismo de Van Gogh e Gauguin, chegou a experiência cubista de Cezanne e Picasso, ao abstracionismo de Pollock e De Kooning, para chegar novamente ao realismo. O ponto determinante nesta direção foi a mostra de Andrew Wyeth que Bateman viu em Buffalo no ano de 1963, um acontecimento que não apenas teve um grande impacto sobre ele, como também no público e na crítica que começaram a reconsiderar sob nova luz a pintura naturalista.

INDICADO para a Nigéria por dois anos num programa educativo para países do terceiro mundo, Bateman continuou a amadurecer a grande impressão que lhe fez a pintura de Wyeth e a se dedicar à pintura com renovado entusiasmo. Numa visita a um amigo em Nairobi, vê ocasionalmente os regulamentos de um concurso de pintura e decide participar. Não vence, mas foi convidado por um casal de americanos que tinha uma galeria de arte a vender seus quadros. Não faltaram compradores para seus quadros e logo choveram pedidos. De volta a sua pátria tomou-se completamente pela pintura e teve que renunciar ao ensino. Sua primeira mostra importante foi na *Tryon Gallery* de Londres, considerada uma das primeiras do mundo da arte naturalista.

No mesmo ano, 1975, participou de uma coletiva de artistas contemporâneos sobre "Animais na Arte" no Royal Ontario Museum. De então ao sucesso tem muita história e seus quadros alcançaram cotações altíssimas. Os pedidos são tantos que para evitar disputa e brigas, os donos das galerias dão o direito de prioridade de compra tirando a sorte entre os vários compradores.

